



ADRIANA ZAPPAROLIⁱ

entre olhos de rolete,
clitóris são esferas,
entre falanges pontiagudas,
a tíbia e a patela.

em adaga de cores,
remelas são patéticas.
em cornos de açores,
dores são singelas.

em desenho, o encosto.
em face, oculto um ogro,
por peixe vivendo no lodo
carregando um escudo...

moendo dentro dum bolso.

há o agouro. a casa de eucaristia, um toque e certa mania,
de onde, vê-se um santo sentando de branco em boina cinza.
naquele lugar ralo, por onde abutres passam por cima,
maracatus e terreiro em terreno de exu, em candomblé de oxumarê.
são espaços, por cima da neblina...

no ponto interno, da molécula da cachaça
ainda sinto perto, suas palavras,
sua língua sabática em regiões femininas.

no receio dos olhos escuros de um peixe,
camuflado, os alevinos em guelra,
por talo de minhoca, escondendo pênis de meninos...

são ditos pintos,
são pêras adolescentes que se criam
por seios em papaia

há calma enquanto o macho alpha permanece na jasmim...

.... entre passos e lembranças,
há ancas avessas, ascos de histórias tantas,
e belezas secundinas.

na ira de tanto pranto, há talco de formigas,
caprichos em estâncias, por tudo aquilo
que te regurgita.

e, ainda que se veja nessas entranhas, no fluxo da testosterona,
em duas baratas em baixo da cama, nos litros de espermicidas,
são apenas sanhas de esperanças

como são os ácaros que se aglutinam, na taça de gelatina,
na fumaça da cigarrilha, na quirela engolida
pelos pintainhos em primavera...

e na dor dessa campânula, há o canto da costela,
de uma epiderme que nunca sossega,
pois nela ciliam as malassezias:

"são detalhes em pintas brancas, disparando seus encantos,

até a próxima esfera."

de fina estampa, cantam formigas entre árvores incandescentes, fotografias em pisos, em arrimos, laminados... um olhar regurgita [aguado] poesia, pedaços de milhos [e eles são inteiros] com ódio de petúncias sensitivas. um olhar que surge entre o vão marítimo, com que ele e comigo, na energia do sistema límbico e entre doses de Ma-Huang...

entre aqueles cigarros de corda e castigo

que encantam os olhos, do meu velho chicote em flores de farda...

sua farda, em jornal, no lançamento do livro, entre suas lambidas...

:-veja, C D, como elas carregam o mundo.

cítara ainda.

e se fosse mesmo de retina

guitarra e des-rotina.

as pupilas dilatadas,

ainda, em meus olhos, são de quase ametista

verde-piscina.

de unhas ensangüentadas,

por cutícula safira mal aparada

porque em mim ainda anda.

sua barba.

branca.

houve um estojo,
de coco marítimo
enguiçado pelo excesso, de esgoto.

houve corvo,
singelo e vazio
desesperado de foice, até o pescoço

houve,
café, luxúria e segredo,
coisas desimportantes sobre o escopo

pois ainda houve
em seu olho, sentimento doce,
num leito in-constante.

no corpo que move

as raízes caule-fitas

em creme são letícias,

e verbenas, suas luzes de couro, seus ínfimos pensamentos,

os arrotos do rodo do saco de lixo,

verde. ver-te raízes que nunca se fixam,

em rotinas, de olhos plásticos que mais parecem mudos.

muros de sufoco, por onde se percebe, afásico,

o último respiro no tatear da retina.

naquele lugar ralo, por onde abutres passam por cima,

por cima dos tijolos... desse maldito leão dourado que distancia...

doravante, um nocaute relâmpago.

... em veteranos

que adolecem

ⁱ **Adriana Zapparoli** é escritora, poeta e tradutora. Seus trabalhos foram editados em revistas impressas e eletrônicas de veiculação nacional e internacional. Em 2007 publicou "A Flor da Abissínia" - edição bilíngue. "Cocatriz" (2008). "Violeta de Sofia" (2009). "Tílias e Tulipas" - edição bilíngue (2010). Em 2011 publicou "O Leão de Neméia". Todas as obras foram editadas pela Lumme Editor, Bauru, SP. (A.Z.)